



FUNDAÇÃO NACIONAL DO
LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Seção Brasileira do International
Board on Books for Young People **iBbY**

Notícias 4

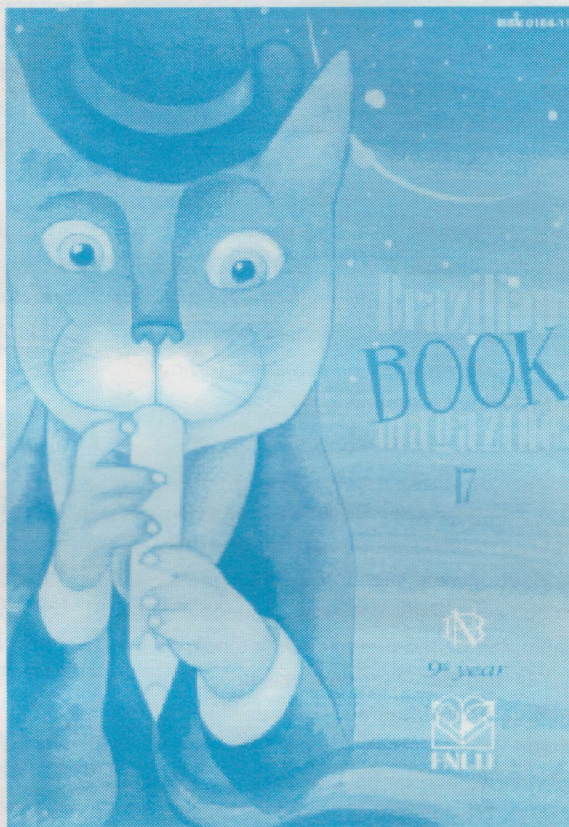
Nº. 4 Vol. 20 -Abril de 1999

A FNLIJ na Feira de Bolonha 25 ANOS DE PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA

A Feira do Livro de Bolonha é a maior do mundo dedicada a livros, softwares e livros didáticos para crianças e jovens. Há 25 anos a FNLIJ é responsável pela participação brasileira na Feira, cuja edição 99 acontecerá de 08 a 11 de abril em Bolonha, Itália, e terá a participação de 1.400 expositores de mais de 70 países.

Como todo ano, a FNLIJ preparou um catálogo (em inglês) para levar a Bolonha, cujo principal objetivo é divulgar a criação brasileira. Ele é composto de resenhas referentes à produção de 98, feitas a partir do acervo de livros brasileiros infantis e juvenis selecionados pela FNLIJ. São 122 títulos, 94 autores, 43 ilustradores e 42 editoras. A capa tem ilustração de Eliardo França, criada especialmente para o catálogo, em comemoração aos seus 30 anos de carreira. Também como nos anos anteriores, a edição 99 do catálogo apresenta o selo *Brazilian Book Magazine*, da Fundação Biblioteca Nacional. Completando este projeto coletivo, tivemos o fotolito feito pela Salamandra e a impressão pela Editora Ática.

O estande da representação brasileira, organizado pela FNLIJ e viabilizado em parceria com a FBN, terá o amplo espaço de 120m² e uma ótima localização, cuidadosamente escolhida pela diretora da feira, Francesca Ferrari. As editoras brasileiras que participarão do estande coletivo este ano, assumindo também os custos, são: *Ática, Callis, Cia. Das Letrinhas, Formato, Global, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim,*



Projeto, Salamandra e Scipione.

Também já foram divulgados os ganhadores dos prêmios de Melhor Livro da Feira de Bolonha/99:

FICÇÃO:

BEBÊ - "*Les comptines de Grigrigrocha*" de Pascale Estellon (Paris, França - Mila Editions)

CRIANÇA - "*On ne copie pas*" de Olivier Douzou e Frédérique Bertrand (Rodez, França - Editions du Rouergue)

JOVEM - "*Histoire de l'art*" de Paul Cox (Paris, França - Seuil Jeunesse)

NÃO-FICÇÃO:

BEBÊ - "*Faut pas confondre*" de Hervé Tullet (Paris, França - Seuil Jeunesse)

Prêmio Especial por grande originalidade: "*Das Hexen-Einmal-Eins*" de Johann Wolfgang v. Goethe e Wolf Erlbruch (München, Alemanha - Carl Hanser Verlag)

Além dos prêmios, houve Menções para:

FICÇÃO:

BEBÊ - "*Que fait la lune, la nuit?*" de Anne Herbauts (Tournais, Bélgica - Casterman S.A Editeurs)

CRIANÇA - "*Anytime I can see her*" de Mariko Kikuta (Tóquio, Japão - Gakken Co., Ltd.)

"*Zeg me dat het niet zal sneeuwen!*" de Jaak Dreesen (Averbode, Bélgica - Averbode Publishers)

"*Boshblobberbosh*" de J. Patrick Lewis com ilustrações de Gary Kelley (Mankato, EUA - The Creative Company, co-produzido por Harcourt, Brace e Co. - San Diego, EUA)

"*Nazonazono tabi (Dr. Do-Riddle in the Riddle Land)*" de Ishizu Chihiro e Arai Ryoji (Tóquio, Japão - Toppan International Group - Froebel - Kan Co., Ltd.)

O júri internacional do prêmio foi composto por: *Giona Maiarelli*, designer gráfico, Itália; *Ulla Forsén*, diretora de biblioteca especializada em Literatura Infantil, Suécia; *Louise Fili*, designer gráfico, EUA; *Danièle Hirsinger*, livraria especializada em Literatura Infantil, França; e *Flavia Cocchi*, designer gráfico, Suíça.

No próximo número da *Notícias* você vai ler a cobertura completa da Feira de Bolonha/99. Até lá.

Prêmios Internacionais

Já estão abertas as inscrições para os prêmios internacionais Rolando Anzilloti, VI edição- 1999 para monografia histórico-crítica sobre Literatura Infantil e Juvenil e Fondazione Collodi, II edição-1999 para ensaio crítico sobre Carlo Lorenzini e seus trabalhos. A premiação é de 5000 liras italianas para o primeiro prêmio e 3000 liras italianas para o segundo, além do direito de ter um selo na obra mostrando o recebimento do prêmio. Podem concorrer trabalhos publicados entre 1º de janeiro/96 até 31 de dezembro/98. Os interessados devem mandar seus trabalhos para *Fondazione Nazionale [C. Collodi]* - Via Pasquinelli, 6-51014 Collodi (PT), Itália - Tel: 390572 429613, fax: 390572429614, até o dia 30 de abril, especificando do lado de fora do envelope o prêmio ao qual vai concorrer. É permitido concorrer aos dois prêmios.

Homenagem a Laura Sandroni

Laura Sandroni, membro do Conselho Diretor da FNLIJ, foi homenageada no catálogo de 20 anos da Fundação Roberto Marinho. Laura foi a coordenadora do projeto Ciranda de Livros, desenvolvido através de parceria entre a Hoechst do Brasil, a FNLIJ e a Fundação Roberto Marinho. O projeto, que foi iniciado em 1982 e teve duração de quatro anos, tornou-se um marco na campanha de incentivo à leitura no Brasil.

Concurso Internacional de Ilustrações e Curso de Arte em Veneza

A *Associazione Culturale Teatrio* já está recebendo trabalhos para seu concurso internacional de ilustrações. Além deste concurso, a associação também está selecionando uma estudante de arte para ir a Veneza participar de um curso de formação que ensina a projetar um catálogo e realizar uma mostra. Durante o estágio, também é oferecida assistência de ilustradores italianos e estrangeiros. As estudantes interessadas devem enviar para a associação: Curriculum Vitae com fotografia, livro de desenhos, período que deseja permanecer em Veneza e o nível de conhecimento da língua italiana. O material deve ser enviado para: *Associazione Culturale Teatrio*, Oddo de Grandis - San Marco, 3519/A, 30124 - Veneza.

Bienal Internacional de Ilustrações de Bratislava

A FNLIJ já está recebendo trabalhos para a Bienal Internacional de Ilustrações de Bratislava, BIB 99, que acontece de 10 de setembro a 31 de outubro, em Bratislava, Eslováquia. As ilustrações devem ser enviadas para Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - Rua da Imprensa, 16 - 12º andar, CEP 20030-120, Rio de Janeiro, RJ até 10/05. Para os artistas que já participaram da Bienal, só serão aceitos os trabalhos publicados a partir de 1º de janeiro de 1997. Aqueles que estiverem se inscrevendo pela primeira vez podem enviar trabalhos produzidos nos últimos cinco anos. Mais informações pelo telefone (021) 262-9130 ou pelo e-mail: fnlij@ax.apc.org

Parabéns a Tatiana Belinky

Tatiana Belinky, autora de livros e peças infantis, comemorou 80 anos no último dia 18 de março. Vários de seus livros receberam o Selo Altamente Recomendável da FNLIJ, entre eles *Represália dos bichos* (1988), *O grande cão-curso* (1993) e *Limeriques das coisas boas* (1994). Este ano, mais uma vez Tatiana receberá a láurea. Seu livro *Dez Sacizinhos* foi incluído na lista de Altamente Recomendáveis para Criança 98.

A partir deste número do *Notícias* voltamos a publicar cartas e *e-mails* enviados pelos leitores. Participe enviando suas sugestões, críticas e, por que não, elogios para a redação do *Notícias*.

“ Em nome da associação cultural Deutsch – brasilianischer Kulturverein agradecemos à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil pela doação de duas caixas de 35kg, contendo livros infanto-juvenis, recebidos em maio de 1998. Esses livros fazem parte do acervo de nossa biblioteca, recentemente inaugurada.

Transmitimos nossas cordiais saudações,

Munique, 28/02/99

Deutsch – brasilianischer
Kulturverein e. V.

Henrique Köhler - presidente ”

“ No Suplemento Fascículo 7, encontrei com prazer o artigo de Ricardo Azevedo: Livros para crianças... Gostaria de parabenizar a Fundação e a Editoria do Suplemento por abrir espaço para um ensaio como esse, que tão contundentemente defende algo básico e vital: o caráter literário da Literatura Infanto-Juvenil que, a exemplo de Lobato, desperta a sensibilidade, a capacidade de considerar diferenças entre pessoas e culturas, a cidadania, o gosto pela leitura, pela cultura, pela obra humana no mundo.

É um prazer e um consolo encontrar um ensaio como esse, no momento em que a didatização ameaça tornar-se um parâmetro exclusivista e absolutista na produção para jovens leitores e para crianças, afastando a fantasia, a imaginação, o lirismo, a descoberta.

São iniciativas como a publicação deste artigo que apóiam o que se produz de melhor em Literatura Infantil e Juvenil, e tomara que ganhem o status de referência ampla para o mercado.

Um abraço,

Luiz Antônio Aguiar ”

RECOMENDAÇÕES

Para este mês, reservamos um livro que agrada tanto aos jovens quanto às crianças.

Volta ao mundo em 52 histórias. Neil Philip. Il. de Nilesh Mistry. Trad. de Hildegard Fiest. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998. 160p.

Através dos séculos, a Humanidade tem conservado o mundo dos contos de fadas: uma peculiar dimensão povoada de objetos mágicos, bruxas perversas, corajosos príncipes, lindas princesas e animais encantados. O ancestral costume de contar histórias ao pé do fogo sofreu muitas alterações ao longo dos séculos e, atualmente, é o livro a maneira mais acessível para o registro das narrativas orais. Chega ao Brasil um belíssimo livro de contos de fadas que resgata a fantasia e a tradição oral ao redor do mundo: *Volta ao mundo em 52 histórias.*

Oferecendo um excelente panorama do gênero, a coletânea foi publicada originalmente na Inglaterra, em 1997. Ela possui um excelente acabamento gráfico, com ilustrações exuberantes e interessantes informações adicionais que contextualizam social, geográfica e historicamente as histórias. O narrador Neil Philip selecionou apenas histórias sem autoria, o que explica a ausência de clássicos como “A sereiazinha” ou “A rainha da neve”, de Hans Christian Andersen. Já “Chapeuzinho Vermelho” (Charles Perrault) e “O príncipe sapo” (Irmãos Grimm) foram incluídas por serem contos de fadas recontados. A tradução de Hildegard Feist é competente e sensível, sendo inclusive o título em português mais criativo que o original.

O livro é dividido em quatro partes (*Encantamentos; Trapos e plumas; Heróis e heroínas; O amor a tudo vence*) obedecendo a uma disposição que agrupa as histórias de acordo com os seus temas. Desta forma, salienta-se a recorrência dos temas nas diferentes culturas dos 33 países que constam da seleção. Uma característica interessante é que, diferente da maioria das antologias que primam pelo eurocentrismo, nesta foi incluído o folclore de países fora desta região como, por exemplo, Suriname, Irã, Jamaica, Finlândia. O Brasil também está presente na história sergipana “Por que o mar tanto chora”, que remete à “Cinderela” e que foi recolhida pelo folclorista Sílvio Romero. As ilustrações refletem os traços de cada povo, sendo verossímeis sem perder, contudo, a magia e o encanto dos contos de fadas.

Volta ao mundo em 52 histórias, Altamente Recomendável 1998, na categoria Tradução/Criança, é um livro que resgata o prazer de ouvir contos de fadas, bem como o de ler textos e imagens em um projeto gráfico muito bem cuidado. Trata-se de um título sedutor para crianças, jovens e todos os adultos que se encantam com a literatura infantil. Propiciará, certamente, intensos momentos de troca afetiva e intelectual entre as gerações, tão importante e necessária para a formação do leitor. (André Muniz de Moura)

ABRIL: Mês do Livro

Dia 2 Dia Internacional do Livro Infantil: aniversário de Hans Christian Andersen: no *Notícias 1* publicamos a mensagem do Ibbby para o dia internacional do livro infantil, *Meu livro, meu amor*, escrita pelo espanhol Miguel Angel Fernández-Pacheco e traduzida por Ana Maria Machado.

Dia 18 Dia Nacional do Livro Infantil: aniversário de Monteiro Lobato, pioneiro da literatura infantil e juvenil no Brasil.

Dia 20 IX Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro: de 20 de abril a 2 de maio, no Riocentro. Visite o estande da FNLIJ no Pavilhão 4.

Dia 23 Dia Internacional do Livro, da Leitura e dos Direitos Autorais: aniversário e morte de Shakespeare. Além do bardo, outros escritores famosos nasceram ou morreram nesse dia: Miguel de Cervantes, Inca Garcilaso de la Veja, Maurice Druon, K. Laxness, Manuel Mejia Vallejo, Wladimir Nabokov e Josep Pla.

DICA DE LEITURA

Este mês quem dá a dica de leitura é Bartolomeu Campos Queirós, professor, escritor e poeta mineiro que ocupa importante lugar na produção de literatura infantil e juvenil no Brasil. É um dos autores mais premiados pela FNLIJ, principalmente por seus livros para jovens. Em 1988 e 1991 recebeu O Melhor Para o Jovem pelos livros *Indez e Mineirações* respectivamente. Já em 1995 e 1996 recebeu o “Hors Concours” com *Chifre em cabeça de cavalo e Ler, escrever e fazer conta de cabeça*. Este ano, na categoria Poesia, foi mais uma vez incluído na lista dos Altamente Recomendáveis da FNLIJ, pelo livro *De não em não*.

“Vale a pena conferir o livro *O nariz do General*, de May Shuravel, Ed. Moderna, SP. Dois assuntos se desenvolvem simultaneamente, durante a leitura, onde texto e ilustração se somam para resultar numa terceira história plena em humor e fantasia. É surpreendente o bom gosto do objeto ao ser capaz de encantar os mais jovens e envolver os adultos”.

Bartolomeu Campos Queirós

FNLIJ faz seleção de livros para o MEC

O Ministério da Educação divulgou no último dia 02 de março, no Diário Oficial, a lista com os nomes de 106 livros infantis e juvenis escolhidos pela FNLIJ que serão distribuídos para 45 mil escolas públicas de todo o país, através do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Nesta lista foram contempladas 41 editoras, 87 escritores nacionais, 19 escritores estrangeiros, 64 ilustradores nacionais, 16 ilustradores estrangeiros e 15 tradutores. Foi a primeira vez que o MEC contratou uma entidade especializada em literatura infantil e juvenil para selecionar os títulos que farão parte do programa.

No entanto, a parceria entre a FNLIJ e o MEC/FNDE vem desde o início dos anos 70, com a publicação do primeiro volume da *Bibliografia Analítica da Literatura Infantil e Juvenil publicada no Brasil – período 1965 a 1974*, pela Editora Mercado Aberto. A distribuição de livros de literatura para escolas públicas também não é uma iniciativa recente do MEC. Antes do PNBE, existiu o Programa Nacional Sala de Leitura (PNSL), sucessor do primeiro programa de distribuição de livros de literatura infantil e juvenil do país, o Ciranda de Livros (1982-1985). Este último foi desenvolvido através de parceria entre a Fundação Roberto Marinho, a Hoechst do Brasil e a FNLIJ, tendo contado com a coordenação de Laura Sandroni, membro do Conselho Diretor da FNLIJ.

O Programa Nacional Sala de Leitura foi importante já que, até então, a FAE/MEC comprava apenas livros didáticos. Por outro lado, ele afastou a escola do conceito de biblioteca - instituição de valor social onde é possível ter garantido o acesso ao livro. Já o PNBE tem como um de seus objetivos principais ampliar o PNSL, procurando abranger o sentido total de Biblioteca Escolar e, assim, incentivar a leitura.

Na lista divulgada no Diário Oficial constam 110 títulos sendo que desses, 106 foram selecionados pela FNLIJ. Os outros quatro são voltados para crianças portadoras de deficiências e foram escolhidos pela Secretaria de Educação Especial do MEC. A escolha de apenas 106 títulos foi bastante difícil, pois o mercado editorial brasileiro oferece grande variedade de livros de altíssima qualidade. Vários outros títulos que poderiam fazer parte da Biblioteca Escolar não foram contemplados. Assim, não repetiram-se obras de um mesmo autor e deu-se espaço para a inclusão de traduções contemporâneas, além de clássicos como Perrault, Grimm e Andersen. Isto porque a FNLIJ entende que devem ser dadas às crianças de escolas públicas as mesmas oportunidades de ler bons livros que têm as crianças de escolas particulares..

Os livros selecionados para o PNBE fazem parte da lista dos Altamente Recomendáveis e premiados da FNLIJ. Considerou-se, como de costume, o livro como objeto completo, no qual estão reunidos texto, ilustração e projeto gráfico. Foram observados como itens principais a inovação e adequação da linguagem, a qualidade gráfica do objeto-livro e a variedade de gêneros, assuntos, escritores e ilustradores. Também aspectos mais específicos foram levados em conta como, por exemplo, a valorização do lúdico, a ausência de preconceitos e estereótipos e o incitamento da curiosidade infantil. Avaliou-se, ainda, a presença dos temas transversais trazidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): ética, meio ambiente, saúde e orientação sexual. Os livros de Monteiro Lobato não estão presentes na lista porque já foram distribuídos pelo MEC para as escolas públicas na primeira etapa do programa.

Seguindo orientação do MEC, a FNLIJ selecionou este acervo visando as crianças das classes de alfabetização até a

4ª série do Ensino Fundamental, assim como os seus vários níveis de leitura. Os livros não foram divididos por série, já que os interesses e níveis de leitura variam até entre crianças de uma mesma turma. Isto porque, principalmente em escolas públicas, a diversidade de idade entre alunos da mesma série é bastante acentuada.

Na concepção da FNLIJ, no entanto, apenas adquirir o acervo não é suficiente. É necessário utilizá-lo da melhor maneira possível. Para isto, é imprescindível a participação do professor, que deve valorizar a leitura e fazer dela um instrumento de uso diário, tornando-se ele mesmo leitor.

Para a Secretária-Geral da FNLIJ, Elizabeth Serra, “o convite para fazer esta seleção traduz o merecido reconhecimento do Governo Federal pelo trabalho de seleção de livros infantis e juvenis feito pela FNLIJ, já que ela é pioneira nesse campo, desenvolvendo-o há 30 anos de maneira ininterrupta. Esse reconhecimento se estende ao trabalho de todos os votantes-colaboradores da FNLIJ, que sempre valorizaram a nossa seleção, emprestando o seu conhecimento e experiência como especialistas”.

Publicamos abaixo os 106 títulos indicados:

1. *A arca de Noé*, de Vinícius de Moraes.
2. *A bela e a fera*, de Rui de Oliveira.
3. *A bruxinha atrapalhada*, de Eva Furnari.
4. *A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga Nunes.
5. *A cristaleira*, de Graziela Bozano Hetzel.
6. *A fada que tinha idéias*, de Fernanda Lopes de Almeida.
7. *A formiguinha e a neve*, de João de Barro (recontado).
8. *A lenda da Vitória Régia*, de Terezinha Éboli.
9. *A lenda do guaraná*, de Ciça Fittipaldi.
10. *A mãe da mãe da minha mãe*, de Terezinha Alvarenga.
11. *A moeda de ouro que um pato engoliu*, de Cora Coralina.

12. *A mulher que matou os peixes*, de Clarice Lispector.
13. *A senha do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade.
14. *A televisão da bicharada*, de Sidônio Muralha.
15. *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos.
16. *A última flor amarela*, de Caulus.
17. *A velhinha que dava nome às coisas*, de Cynthia Rylant. Trad. Gilda de Aquino.
18. *Adivinha quanto eu te amo*, de Sam MacBratney. Trad. Fernando Nunes.
19. *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll. Trad. Ana Maria Machado.
20. *Atrás da porta*, de Ruth Rocha.
21. *Barulho demais*, de Max Velthuis. Trad. Monica Stahel.
22. *Berimbau e outros poemas*, de Manuel Bandeira.
23. *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado.
24. *Brincando com os números*, de Massin. Trad. Heloisa Jahn.
25. *Cartão-postal*, de Luiz Raul Machado.
26. *Coisas de menino*, de Eliane Ganem.
27. *Coleção Arco-íris*, de Geruza Helena Borges.
28. *Confusão maior no reino de Tânger menor*, de Samir Meserani.
29. *Contos de Andersen*, de Lisbeth Zwerger (seleção). Trad. Tomás Rosa Bueno.
30. *Contos de assombração*. Trad. Neide T. Maia Gonzáles.
31. *Contos de Grimm*, de Irmãos Grimm. Trad. Heloisa Jahn.
32. *Contos de Perrault*, de Charles Perrault. Trad. Regina Régis Junqueira.
33. *Crianças famosas: Portinari*, de Nadine Trzmielina.
34. *De dois em dois: um passeio pelas Bienais*, de Renata Sant'Anna, Maria do Carmo Escorel de Carvalho, Edgar Bittencourt.
35. *De surpresa em surpresa*, de Fanny Abramovich.
36. *É isso ali*, de José Paulo Paes.
37. *Estórias da velha Totônia*, de José Lins do Rêgo.
38. *Eu e minha luneta*, de Cláudio Martins.
39. *Fábulas*, de La Fontaine. Trad. Ferreira Gullar.
40. *Faca afiada*, de Bartolomeu Campos Queirós.
41. *Flauta doce: método de ensino para crianças*, de Nereide S. Santa Rosa.
42. *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, de Mem Fox. Trad. Gilda de Aquino
43. *História de Trancoso*, de Joel Rufino dos Santos.
44. *Histórias da Coleção Gato e Rato, v. 1*, de Mary França.
45. *Ida e volta*, de Juarez Machado.
46. *Jornal da Grécia*, de Anton Powell, Philip Steele. Trad. Regina Coeli Régis Junqueira.
47. *Juntos na aldeia*, de Luís Donisete Benzi Grupioni.
48. *Leonardo*, de Nelson Cruz.
49. *Mamãe trouxe um lobo para casa!* de Rosa Amanda Strausz.
50. *Maria Martins: mistério das formas*, de Kátia Canton, Maria Tereza Louro.
51. *Maria Teresa*, de Roger Mello.
52. *Mata Atlântica*, de Paula Saldanha.
53. *Memórias de um cabo de vassoura*, de Orígenes Lessa.
54. *Menino brinca de boneca? Conversando sobre o que é ser menino e menina*, de Marcos Ribeiro.
55. *Menino do Rio Doce*, de Ziraldo.
56. *Meu livro de folclore*, de Ricardo Azevedo.
57. *Minhas memórias de Lobato*, de Luciana Sandroni.
58. *Mitos: o folclore do Mestre André*, de Marcelo Xavier.
59. *Nó na garganta*, de Mirna Pinsky.
60. *Noções de coisas*, de Darcy Ribeiro.
61. *Noite de cão*, de Graça Lima.
62. *O bordado encantado*, de Edmir Perrotti.
63. *O dilema do bicho-pau*, de Angelo Machado.
64. *O escaravelho do diabo*, de Lúcia Machado de Almeida.
65. *O fantástico mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira.
66. *O gênio do crime*, de João Carlos Marinho.
67. *O homem que calculava*, de Malba Tahan.
68. *O jardim secreto*, de Francis Hodgson Burnett. Trad. Ana Maria Machado.
69. *O livro das árvores*, de Jussara Gomes Gruber (org.).
70. *O mais belo livro das pirâmides*, de Anne Millard. Trad. Barbara Theoto Lambert.
71. *O menino poeta*, de Henriqueta Lisboa.
72. *O mensageiro das estrelas*, de Peter Sís. Trad. Luciano Vieira Machado.
73. *O povo Pataxó e sua história*, de Anghthichay Pataxó (Vanusa Braz da Conceição)
74. *O que fazer? Falando em convivência*, de Lilliana Iacocca.
75. *O rei da fome*, de Marilda Castanha.
76. *O rei de Quase-Tudo*, de Eliardo França.
77. *O sabiá e a girafa*, de Leô Cunha.
78. *O teatro no mundo*. Trad. Célia Regina de Lima
79. *O último dia de brincar*, de Stela Maris Rezende.
80. *O velho que trazia a noite*, de Sérgio Caparelli.
81. *Os rios morrem de sede*, de Wander Pirolli.
82. *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles.
83. *Pé de pilão*, de Mário Quintana.
84. *Pé de poesia*, de Wilson Pereira.
85. *Picote, o menino de papel*, de Mario Vale.
86. *Pinturas: jogos e experiências*, de Ann Forslind. Trad. Margareta Svensson.
87. *Plantando uma amizade*, de Rubens Matuck.
88. *Poesia fora da estante*, de Vera Aguiar, Simone Assumpção, Sissa Jacoby.
89. *Praça das dores*, de José Louzeiro. Il.
90. *Quem lê com pressa, tropeça*, de Elias José.
91. *Receitas de olhar*, de Roseana Murray.
92. *Rei Gilgamesh*, de Ludmilla Zeman (recontado). Trad. Sérgio Caparelli.
93. *Rosalina: a pesquisadora de homens*, de Bia Hetzel.
94. *Se as coisas fossem mães*, de Sylvia Orthof.
95. *Serafina e a criança que trabalha*, de Jô Azevedo, Iolanda Huzak, Cristina Porto.
96. *Sete contos Russos*, de Tatiana Belinky (recontado).
97. *Strega Nona, a avó feitiçeira*, de Tomie de Paola. Trad. Gian Calvi.
98. *Tanto, tanto!* De Trish Cooke. Trad. Ruth Salles.
99. *Teatro I: Pluft*, de Maria Clara Machado.
100. *Travatrovas*, de Ciça.
101. *Um fotógrafo chamado Debret*, de Mércia Leitão.
102. *Uma idéia toda azul*, de Marina Colasanti.
103. *Uní, duni e té*, de Angela Lago.
104. *Victor e o jacaré*, de Mariana Massarani.
105. *Viva o boi-bumbá*, de Rogério Andrade Barbosa.
106. *Zoom*, de Istvan Banyai. Trad. Gilda de Aquino.

A POESIA DA IMAGEM E A PLÁSTICA DA PALAVRA

Aplaudida internacionalmente, MARILDA CASTANHA revela os segredos da ilustração e conta como cria os seus textos

Márcio Vassallo

Marilda Castanha mora no seu próprio ateliê, em Belo Horizonte. Ou será o ateliê que mora na Marilda? Difícil responder. Mais fácil é beber o que ela escreve e boiar nas suas ilustrações. Sem pressa, como quem mergulha num mar talhado de sombras, molhado de luzes, esculpido de azul. Um azul castanho, claro.

Selecionada para as Feiras de Bolonha e de Bratislava, as mais badaladas do gênero, Marilda também já foi convidada para uma mostra coletiva e outra individual, em Sármede, pequena cidade italiana que promove uma feira cada vez mais prestigiada mundialmente. Uma das ilustradoras mais celebradas da literatura infantil brasileira, Marilda Castanha também tem um texto irresistível. Ela é autora de *O Rei da Fome* e *Da Cabeça aos Pés*, publicados pela Ediouro. Pela Dimensão, Marilda lançou recentemente *Um N passou por aí?*, e *Um Tanto de Tantos*.

Sempre exposta quando cria, Marilda vira palavras pelo avesso e descobre os traços da sua própria alma refletidos em cada frase. Em entrevista exclusiva ao *Notícias*, ela expõe um pouco mais dessa alma serena, inquieta. Que cria para viver e, acima de tudo, vive para criar.

NOTÍCIAS - Já que vamos falar sobre exposições, o que mais deixa a sua alma exposta, a ilustração ou a palavra escrita?

MARILDA CASTANHA - Criar realmente me deixa exposta. O instrumento que utilizo pouco importa. Na palavra ou no desenho os autores e ilustradores sempre colocam muito de si. No meu caso, o desenho me ficou primeiro. Criar textos foi uma consequência inesperada, aconteceu depois. Na maioria das vezes crio primeiro as imagens e depois o texto.

N - Você já participou da exposição de ilustradores da Feira de Livros de Bolonha e foi selecionada pela FNLIJ para a Bienal de Ilustrações de Bratislava. No final do ano passado, também foi selecionada para a exposição internacional de Sármede. Quais são as principais características de cada evento?

MC - Na realidade, em Bolonha, participei de uma mostra de ilustradores brasileiros organizada pela FNLIJ. No ano

dessa mostra, em 1995, o Brasil foi o país homenageado do evento. A Feira de Bolonha é a mais concorrida e conhecida internacionalmente. Por sua vez, Bratislava é a única das três que tem premiação. Bratislava e Bolonha expõem artistas selecionados por um júri. Sármede convida os participantes da mostra. Em Bolonha há uma expectativa mais comercial, por causa da presença dos editores nos estandes.

N - Quais os fatores que mais contribuem para o crescimento profissional de um ilustrador?

MC - A única maneira é trabalhar. Desenhar, escrever, estar envolvido com a criação todo dia. Rabiscar muito. Às vezes, perder o desenho, fazer outro, enfim, é difícil distinguir entre a inspiração e a prática. Se a pessoa está satisfeita com o que faz, vai investir mais no seu trabalho, pesquisando, lendo.

N - Das três exposições que você participou, Sármede é a menos conhecida dos brasileiros. Como foi essa experiência?

MC - Foi uma boa surpresa. Sármede é uma pequena cidade de dois mil habitantes ao norte da Itália. Lá, todo ano é promovida uma bela, prestigiosa e bem visitada exposição. O público visitante gira em torno de 900 pessoas por dia e é formado principalmente por visitas programadas das escolas de cidades próximas. É impressionante, porque eles também conseguem levar pacientes de hospitais psiquiátricos, professores e estudantes de arte. A feira mobiliza vários segmentos da sociedade. Chamam Sármede de *Paese della fiaba* (país do conto). Durante todo o ano, são promovidos eventos paralelos: espetáculos teatrais, venda de catálogos, etc. No verão, há cursos de ilustração para estudantes de artes do mundo inteiro.

N - O que mais a impressiona em Sármede?

MC - Acima de tudo, é o cuidado que os moradores têm com a exposição. É comum vê-los com os seus catálogos buscando autógrafos dos ilustradores presentes na cidade. É prazeroso ver a ilustração de livros infantis tão prestigiada. Isso é um grande incentivo a todos nós que trabalhamos, gostamos e acreditamos na poesia da imagem.

N - Como essa poesia da imagem transborda versos de você? Também há uma plástica da palavra?

MC - Ah, não sei. Costumo dizer que texto também é desenho. Desenho tem narrativa, tem texto. E o texto também tem imagem. O grande desafio é desenvolver algo pessoal. É conseguir que alguém diga: "Olha, isto é a cara de fulano." Não me importo muito em tentar entender como isso se faz.

N - De volta para a Itália. Em Sármede, além da mostra internacional, você foi convidada para uma exposição individual, com 15 trabalhos sobre temas brasileiros. Esses trabalhos já estavam prontos ou você os desenvolveu especialmente para o evento?

MC - São trabalhos inéditos, que fiz especialmente para a exposição. Estudei gravuras, li muito sobre o Brasil, seus costumes, sua vida colonial, seu folclore, Câmara Cascudo. Provavelmente, vão virar uma coleção de livros. É aquilo que falei: o desenho surge primeiro, depois o texto. Primeiro faço. Depois, com um olhar mais paciente, descubro que ali há outras possibilidades.

N - Numa mostra individual, o foco está todo em você. Como foi a receptividade do público?

MC - Superou minhas expectativas. Em geral, quem estava lá sabia que haveria temas diferentes. Neve, ursos, casas aconchegantes são imagens muito familiares aos europeus. E eu, lógico, não tinha nada disso para mostrar. Nos 15 trabalhos, tentei fazer um passeio pela História do Brasil, mostrando a chegada dos portugueses, árvores, cobras coloridas, pacas, bichos diversos, índios de máscaras e armas. E também personagens do folclore e cenas do trabalho escravo. Essas imagens fazem parte de um universo estrangeiro para eles, assim como a neve e o urso são para nós. Mas sentia-os interessados, perguntando, querendo saber mais sobre o porquê daquelas imagens.

N - Você vem ilustrando livros de alguns dos principais nomes da literatura infantil brasileira, dentre os quais: Ana Maria Machado, Leo Cunha, Angela Leite de Souza, Luiz Raul Machado, Celso Sisto, Fernando Lobo. No momento está ilustrando

um livro para a Ruth Rocha, pela Formato. De que forma você adapta o seu trabalho ao texto de cada um?

MC - Na verdade, quem ilustra faz um segundo texto. Quem lê vai fazer um terceiro. Os autores sabem que o texto vai oferecer possibilidades de criação, de diferentes leituras. O ilustrador não vai legendar o texto, e sim "conversar" com ele.

N - Você costuma trocar idéias com o autor quando está ilustrando o seu respectivo livro?

MC - Depende muito. Às vezes, de uma conversa ao telefone, saem idéias geniais. Já aconteceu isso comigo, conversando com o Leo Cunha, com a Angela Leite, com o Ronaldo Simões. Cada autor tem uma maneira de lidar com isso. Com a Ana Maria Machado também é ótimo trabalhar. As conversas se dão por carta. Ana dá toques interessantes, é sincera. Gosto disso. Não significa que um autor tem confiança no ilustrador e outro não tem. De forma alguma. No momento, como você disse, estou fazendo um livro para a Ruth Rocha. Nesse caso, nós não conversamos, mas ela viu a boneca e fez um comentário valioso que só acrescentou para a feitura do livro e do próprio trabalho. Não sou uma artista intocável, que ninguém pode falar sobre o meu trabalho. Gosto de ouvir, de aprender.

N - Por outro lado, você tem trabalhos publicados pelas editoras Ática, Ediouro, Dimensão, Formato, Miguilim, Paulinas. Em geral, os autores e ilustradores de livros infantis trabalham simultaneamente com várias editoras. Quais as principais diferenças entre uma e outra?

MC - Ilustro há mais de dez anos, sempre como *free lancer*. Já trabalhei para muitas editoras. Cada uma tem seu perfil de trabalho, com semelhanças. Hoje, de um modo geral, as editoras estão investindo muito em livros de qualidade. Não só qualidade de texto e imagem, mas também qualidade gráfica. Daqui para frente, esta vai ser a principal diferença entre as editoras. O cuidado com o fotolito, com a impressão, com a feitura do livro. Isso já está acontecendo. Trabalhar com várias editoras é saudável para o mercado.

N - Na maioria das vezes, os editores participam ativamente do processo? Eles opinam sobre os seus textos e ilustrações, e você comenta o acabamento do livro?

MC - O relacionamento com o editor é imprescindível para o trabalho ficar inteirinho, redondinho. Não só com o editor

de textos, mas também com o editor de arte. Quando se está muito envolvido com o trabalho, detalhes importantes passam despercebidos. É preciso um terceiro olhar. Alguém que veja aquilo que você não viu. O editor também tem que ter idéias próprias. Ele também tem que criar. É imprescindível que o editor entenda de arte, de criação, de produção gráfica. Desse modo, o trabalho final fica completamente redimensionado.

N - De que modo é a participação dos ilustradores brasileiros nos direitos autorais? E no exterior, como funciona?

MC - Acredito que essa é uma conquista gradativa, que já se realiza no exterior. Segundo a ilustradora espanhola Carme-Solé Vendrell, há poucos anos os ilustradores europeus conseguiram ser atendidos em suas reivindicações. No ano passado foi dado um passo importante no Brasil, para a concretização dessa conquista: a aprovação da lei 9.610 de direitos autorais. De acordo com essa lei, ilustradores, fotógrafos e artistas plásticos, por serem criadores de imagens, têm direito a receber 5% como direitos autorais.

N - Faltam cursos de especialização para ilustradores infantis no Brasil?

MC - Que eu saiba, até hoje não há um curso específico de ilustração no Brasil. É uma pena. Os ilustradores aprendem por conta própria, quebrando a cabeça, vendo livros. Aqui em Minas, os cursos de ilustração, no Festival de Inverno de Ouro Preto, tentam suprir isso. Eu mesma fui aluna da Ana Raquel e do Paulo Bernardo Vaz. Anos depois, dei um curso com o Paulo Bernardo no mesmo festival.

N - Em que países há mais abundância de oficinas do gênero?

MC - Na Europa e nos Estados Unidos existem boas escolas de ilustração e os professores são ilustradores consagrados no mercado internacional. Aqui faltam cursos que tratem das peculiaridades da ilustração.

N - Quais são essas peculiaridades?

MC - Às vezes um artista tem um ótimo trabalho, uma técnica genial, mas não consegue adaptar-se à linguagem específica do livro, não consegue combinar desenho e texto, nem oferecer surpresas ao passar as páginas. Falta um curso assim, que privilegie todo o universo da ilustração como linguagem gráfica, criação, conteúdo, imaginação. Não acho que basta oferecer uma disciplina num curso de artes plásticas. O ideal seria pensar todo um curso de ilustração, com História

da arte, arte brasileira, literatura infantil, técnicas de pintura, gravura, programação gráfica, produção gráfica e animação.

N - Você estreou como ilustradora em 85, com *Tonico, o Bode Diferente*. Depois, começou a escrever e ilustrar os seus próprios livros com *O Rei da Fome*, lançado pela Ediouro. Como você decidiu dar esse passo? Ou foi o passo que decidiu por você?

MC - Estreei na Miguilim, com Antonieta Cunha. Não sabia nada de ilustração. Aprendi no mergulho, quase me afogando. A gente realmente não sabe direito por que faz. Apenas faz e pronto. Eu só sei que antes de começar a escrever fiz duas histórias sem texto. Primeiro quis contar histórias com desenhos. No fundo, não se decide dar o passo. Quando a gente se assusta, o passo já foi dado e pronto.

N - Em *O Rei da Fome*, o protagonista devora livros com garfo e faca. Com isso, ele se apossa dos segredos de todas as histórias. No entanto, apesar de se apossar das histórias, o rei não as absorve realmente, porque é analfabeto. Reis da fome à parte, há leitores compulsivos que devoram livros, mas não os absorvem na alma. Você concorda?

MC - Não sei. Acho que mesmo lendo compulsivamente alguma coisa sempre vai ficar. Este livro, *O Rei da Fome*, possibilita interpretações que eu nem tinha imaginado quando escrevi. Na verdade, eu queria criticar o poder político na figura do rei, aquele ícone, alguém que fica sentado sobre o trono e o povo, devorando... Minha crítica e ironia não são dirigidas, nesse caso, ao leitor compulsivo, e muito menos às pessoas que não sabem ler nem escrever. Queria criticar o rei. Como símbolo, descrevi uma pessoa mandona, gluttona, poderosa. Às vezes, fico me perguntando se escrevi todo o livro só para ter a cena final, que é o rei no meio das crianças, se dispondo a aprender o que ainda não sabia. Não penso que de um lado estão só as pessoas boas e de outro só as más. Prefiro pensar que as pessoas mudam.

N - Nem todo culto é sábio, nem todo sábio é culto?

MC - É, a verdadeira sabedoria não é adquirida com diplomas. E não se mede com graduações e cursos. Aprendi a definir isso na infância, em minha casa. Pessoas sem diplomas me surpreendem diariamente com sua maneira de viver.

Continuação da entrevista com Marilda Castanha

N - É preciso sabedoria para estimular a criança a ler com prazer e, ao mesmo tempo, com senso crítico?

MC - Sim. Se a criança vive em uma casa sem livros, sem jornais, sem revistas, não terá nenhum estímulo para gostar de ler. Essa conclusão parece simplista, mas é o único caminho. Quem está rodeado de livros, de informações, de conversas sobre leituras, também vai querer se informar. Mas não basta ter metros de estantes. Não há valor nenhum nisso. O fundamental é que haja desejo de descobrir essas estantes. Estou relendo *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, e me pergunto se a Idade Média acabou de fato. Até hoje há medo dos conhecimentos que podem ser obtidos a partir dos livros, da educação. O segredo é o seguinte: se você gosta, vai ensinar o outro a se apaixonar por aquilo também. O senso crítico vem com as reflexões, com as descobertas. Depois, com o tempo, uma fase se esgota. Você fica mais exigente, busca um outro tipo de leitura. No entanto, para ser exigente, é preciso experimentar

vários sabores.

N - Você é casada com o ilustrador Nelson Cruz. Ele costuma ver as suas obras antes da publicação, e vice-versa? Críticas são sempre bem-vindas ou discussões de trabalho ficam do lado de fora da casa?

MC - Nossa casa é o nosso ateliê. Trabalhamos juntos e vemos o trabalho do outro. Críticas são muito bem-vindas, tanto da minha parte quando da dele. O que a gente preza e gosta muito de ver é que cada um tem seu trabalho definido. É genial, porque pesquisamos várias vezes nas mesmas fontes, mas cada um traduz o que viu à sua maneira, preservando a identidade pessoal no desenho.

N - No seu livro *Um N Passou Por Aí?*, publicado pela Dimensão, o desaparecimento de uma letra atormenta o país. A fuga do N deixa computadores parados, bibliotecas vazias, e todo mundo com voz de resfriado. Quando as palavras fogem de você, qual o melhor caminho para achá-las?

MC - Essa história do N aconteceu por causa do Nelson. Ele ilustrava a capa de um

livro do Elias José. Tinha que desenhar todas as letras do alfabeto e se esqueceu de fazer justamente a letra N, a inicial do seu próprio nome. Por isso resolvi criar essa história em que uma letra some. Quando as palavras fogem, é fogo. Às vezes, saio de perto, vou tomar cafezinho, costume dar uma voltinha. Muitas vezes dá certo. Posso até não achar, mas invento outra.

N - A busca é realmente um dos seus temas favoritos. Em *Da Cabeça aos Pés*, com muita poesia, você mostra como as diferenças entre as pessoas se encontram na raiz de um objetivo comum. É mais raro a gente buscar a felicidade ou ela nos procurar?

MC - Para muita gente, raro é ser feliz. Mas buscar isso com ansiedade não leva a lugar nenhum. Ficar quieto, esperando a felicidade, também não dá certo. O segredo é cada um ser feliz do jeito que é. Gosto da diversidade, da mistura. *Da Cabeça aos Pés* fala disso. Ser feliz talvez exija alguns truques. Fazer o que gosta é um deles. Eu recomendo.

MANTENEDORES DA FNLIJ

Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Augustus, Berlendis & Vertecchia, BCD União de Editoras, Callis, CBL, Cia. das Letrinhas, Clínica Ênio Serra, Compór, Dimensão, Ediouro, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora Leitura, Editora 34, Encyclopaedia Britannica do Brasil, Exped, Formato, Forense, FTD, Global, Hamburg Gráfica Editora, José Olympio, Lê, Makron Books, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nestlé, Nova Fronteira, Paulinas, Price Waterhouse, Projeto, Record, RHJ, Salamandra, Saraiva, Scipione, SNEL, Villa Rica.


EXPEDIENTE

Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers • Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Rúbia Mazzini • Estagiária: Thiene Barreto • Revisão: Rúbia Mazzini • Diagramação: Christiane Mello

GESTÃO 1998-2001 • Conselho Curador: Altair Ferreira Brasil, Ana Lygia Medeiros, José Bantim Duarte, Lilia Maria Alves, Maria Antonieta Antunes Cunha, Rafael de Almeida Magalhães • Conselho Diretor: Laura Sandroni, Marcos Pereira, Regina Bilac Pinto (presidente) • Conselho Fiscal: Celina Rondon, Henrique Luz, Maria do Carmo Marques Pinheiro, Marcio Tavares d'Amaral, Regina Lemos, Terezinha Saraiva. Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Claudio Mendonça, Ezequiel Theodoro da Silva, Edmir Perrotti, Ferdinando Bastos de Souza, Geraldo J. Pereira, Helena Rodarte, José Raymundo Martins Romeo, Lúcia Jurema Figuerôa, Maria Alice Barroso, Maura Ribeiro Sardinha, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Regina Yolanda, Victor Mussumeci, Wladimir Murtinho. Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente *Notícias*.
Tel.: (021) 262-9130
e-mail: fnlij@ax.apc.org

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS 

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil tel.: (021) 262 9130 fax: (021) 240 6649 e-mail: fnlij@ax.apc.org